

A INFLUÊNCIA DA EXISTÊNCIA (OU EXISTENCIALISMO¹) HUMANO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Vicente Mércio de Jesus Mota^{1*}

Resumo: Pode-se dizer que o espaço geográfico é resultado dos sentimentos e vontades humanas. Pois, o homem é um ser dotado de razão e está através dos sentidos, em contato com o meio ambiente que o cerca. Este contato se dá através da audição, do paladar, do olfato e principalmente do tato e da visão. Tais sentimentos e vontades são de forma concreta, alguns dos elementos responsáveis pela busca da essência do ser humano no seu espaço de vivência. Tentando dessa forma uma melhor acomodação e adaptação em determinado lugar. Assim sendo, o presente artigo faz uma reflexão sobre o processo de territorialização baseada na dialética psicológica dos indivíduos, que através de uma relação conflituosa do ponto de vista social caracteriza o espaço geográfico.

Palavras-chave: Existência. Espaço Geográfico. Essência. Trabalho.

THE INFLUENCE OF EXISTENCE HUMAN IN THE GEOGRAPHICAL SPACE

Abstract: It can be said that geographic space is a result of human feelings and wills. Because, man is a being gifted of reason and he is through the senses, in contact to environment which rounds him. This contact is given through hearing, taste, smell, and mainly the touch and sight. Such feelings

¹ O existencialismo em questão, se refere à corrente filosófica, que teve como um de seus maiores expoentes o filósofo francês Jean-Paul Sartre. Além de outros nomes como Sören Kierkegaard e Martin Heidegger.

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES e professor efetivo da Rede Estadual de Ensino de São Paulo. E-mail: merciovicente@yahoo.com.br.

and wills are concretely, some of responsible elements by the search of human being essence in its living space. He tries in this way the best accommodation and adaptation in a certain place. Thus, the present article makes a reflection about the process of territorialization based on the psychological dialect of individuals, which through a conflicting relation of the social point of view features the geographic space.

Keywords: Existence. Geographic Space. Essence. Work.

INTRODUÇÃO

Espaço e tempo podem ser considerados os principais itens externos necessários à existência humana. Isso, no que se refere à construção do espaço geográfico, que segundo Moreira (1981, p. 85) é uma “materialidade dialeticamente articulada ao processo do trabalho.” Porque no decorrer da história da humanidade, o homem vem se organizando através da tridimensão do espaço e da unidimensão do tempo, passando por gradativa evolução.

No período da infância da sociedade, fazendo uma analogia ao desenvolvimento do ser humano, os homens levavam uma vida de frágil mutualidade social, se agrupando de forma vulnerável em tribos e em alguns casos levando alguns grupos humanos a viverem até mesmo em isolamento. Com isso os obstáculos e desafios que se colocavam a esses indivíduos, eram tão grandes a ponto de os impedirem de uma apropriação de fato da superfície terrestre.

Neste período, o homem poderia ser considerado, somente um simples fator dentro de um conjunto de fatores. Pois, viviam constantemente sob ameaças como o massacre causado por disputas tribais e também em alguns casos, a ameaça da fome que os faziam viver de forma nômade, sem moradia fixa. Dessa forma, viviam sem um planejamento que permitissem um uso mais efetivo do seu espaço de vivência.

Todavia, com o desenvolvimento gradativo e progressivo em inteligência e também em relativa liberdade e a partir da compreensão das forças da natureza que dominavam os homens, eles foram aprendendo sobre o mundo exterior. E assim, se tornando sujeitos ativos deste contexto.

Aprenderam a dominar alguns recursos produtores de energia, sendo o principal e primeiro deles o fogo para a geração de calor. Foram gradativamente, se fixando em determinadas regiões do planeta e aprendendo a utilizar, ainda que de forma rústica o solo, com o objetivo de gerar alimentos. Essas primeiras experiências dos homens se deram de forma empírica, contribuindo para descobrirem sobre si mesmos como seres dotados de razão. Tudo isso ocorrendo como objetivo do simples propósito de sobrevivência.

Em consequência deste progresso, o qual necessitou de espaço e tempo, os seres humanos foram se apegando de forma afetiva a alguns territórios e impondo poder sobre estes. Observando para essa apropriação, como principal requisito, a capacidade e as condições de exploração do local. Até chegar ao ponto de uma dominação global como afirma Santos (2008, p. 30) “O homem atinge enfim um conhecimento analítico e sintético de toda a Natureza e adquire a capacidade de uma utilização geral e global das coisas que o cercam.”

Deste modo, foi se confirmando cada vez mais, a ação do homem como transformador da superfície terrestre, dominando e modificando o seu espaço de vivência de acordo com suas necessidades, vontades e sentimentos. Transformação que se dá de forma a atender e a tentar justificar a essência e a existência do ser humano.

O homem e a totalidade física e social

Com os fatos que podem ser observados no decorrer da história da existência humana, percebe-se que o homem, mesmo com todos os erros cometidos, vem tentando um melhor conhecimento do planeta, que é o lar coletivo de toda a humanidade. Por este motivo, nunca deveriam ter esquecido de uma solidariedade mais consciente. Pois todos os indivíduos respiram o mesmo ar, se aquecem sob o calor do mesmo sol, admiram e se utilizam das paisagens. Enfim, todos os seres da Terra, todas as classes sociais compartilham do mesmo espaço.

Este “progresso” pelo qual vem passando a espécie racional, ou seja, a humanidade mostra a manifestação de indivíduos, que ao mesmo tempo são tão pequenos e tão grandes. Pequenos porque, apesar de serem os únicos seres

dotados de razão, formam uma sociedade extremamente desigual e onde em grande parte do tempo a paz, seja ela de espírito ou social, se faz ausente. E tão grandes, devido ao fato de cada indivíduo poder ser considerado um universo dentro de si mesmo.

O ser humano a cada momento se carrega cada vez mais de sentimentos e vontades, e faz parte de uma totalidade social e física (meio ambiente que o cerca). Quando o homem possui ideias e reflexões sobre si mesmo e sobre as atitudes e utilidades de pessoas e coisas a sua volta, este universo que forma a parte racional e grande do ser humano é expandido. Portanto, tais experiências baseadas em um processo reflexivo é a forma de se assegurar a sua existência, como afirma Husserl citado por Huisman (2001) que a experiência que o ser humano vive irá revelar a sua essência.

Uma das formas de o homem revelar seus sentimentos e vontades, através de construções concretas é a transformação do espaço onde ele vive. Isso concordando com Wagner (1974, p. 25) ao afirmar que “El hombre, se hace a sí mismo em su hogar, arreglando y modificando su entorno lo mejor que puede para adaptarlo a sus necesidades”. Dessa forma, percebemos as transformações do espaço de vivência de acordo com os desejos e necessidades daqueles que o habitam. Esta transformação necessita de tempo que modificará o espaço, daí a importância do passado em sua estruturação.

Não podemos afirmar que o passado está morto e nem desvalorizá-lo na análise do espaço geográfico. Pois o passado tem sua objetivação e sua função no presente, representada pela cristalização das formas na paisagem transformada pelo homem. Isso é confirmado por Santos (2009, p.14) que faz um relato sobre a relevância do passado afirmando que

[...] o momento passado está morto como tempo, não porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social.

Com isso percebemos a importância da história (tempo passado) na constituição dos lugares de coexistência da sociedade humana.

Deve-se considerar a relevância, de se pensar espaço e tempo de forma conjunta e saber que ambos os conceitos estão na base do contexto dos domínios, onde se exerce a aprendizagem do conhecimento geográfico Spósito (2003, p. 88). Isso, no que se refere a inserção do sujeito dentro de sua territorialidade, numa visão materialista dialética do coletivo político-social, conjugada a dialética psicológica, isto é, como os indivíduos agem e transformam o espaço geográfico, de acordo com suas vontades e necessidades.

Esta transformação muitas vezes se dá a partir das necessidades e desejos de grupos mais poderosos, que fazem parte da composição orgânica da sociedade e que muitas vezes não respeitam as volições dos grupos menos favorecidos. Isso, como afirma Silva (2004, p. 13), ocorrerá “[...] com a finalidade de mostrar a identidade conflituosa dos chamados fenômenos geográficos [...]” Porque é através da atividade psicológica que o sujeito manifestará vontades, sentimentos e afeição a determinado lugar, mesmo que estes sentimentos sejam impostos. Pois, em uma sociedade que segrega espacialmente, o indivíduo social é classificado de acordo com o seu potencial financeiro. Com isso, surgindo um relacionamento desigual entre as classes que compõe o espaço geográfico. Realidade que pode ser confirmada pelas palavras de Silva (2004, p. 13) que diz que

[...] a população constitui a relação desigual, pluralizada pelas deformações para mais, ou para menos, dos sujeitos sociais, que valem pelo que equivalem, através do dinheiro, seja para consumirem ou para aguardarem sua multiplicação fictícia (mas real) no mundo do fetiche financeiro. No resultado do universo do trabalho estão não só momentos da vida orgânica dos trabalhadores, como instantes dos seus sonhos mais secretos derramados no que formam e criam.

Pode-se considerar o ser humano um ícone vivo, dotados de processos intelectuais e sentimentais, que colocam em movimento e em transformação o espaço geográfico. Por exemplo, ao se construir um edifício, cuja finalidade será o exercício de atividades financeiras, este prédio no que concerne a sua estética, localização e utilidade, seguirá os interesses, as necessidades e vontades de seus empreendedores; uma praça que existe há bastante tempo e que é totalmente reformada, chegando ao ponto de uma total modificação de

sua forma, não ocorrerá por acaso. Esta transformação se dará porque, por algum motivo, ela já não agradava ou não atendia aos interesses e vontades da população, ou mais provavelmente daqueles que detém o poder sobre determinado espaço.

Outro exemplo, que pode ser considerado de maior importância, no que se refere à dignidade humana, é a questão da moradia. Tal fato, na atual sociedade capitalista e no conjunto das circunstâncias do espaço urbano, segrega grande parte da população que são empurradas para locais menos valorizados. Isso devido a sua classe social e a sua condição financeira. Mesmo assim, tais pessoas irão construir suas moradias, mesmo que de forma limitada, de acordo com seus interesses e vontades, que conseqüentemente irá criar uma relação de afetividade com determinado local. E com o passar do tempo a moradia será modificada de acordo com os sentimentos e necessidades de seus moradores.

Assim sendo, tanto numa visão micro, quanto numa visão macro, o homem através de suas ações e de acordo com suas necessidades e desejos, vão dando vida e movimento ao seu espaço de vivência. O que vai concordar com Santos (2008, p.95), pois nas palavras deste autor “O homem constitui, dentro da natureza, uma forma de vida [...] O fator distintivo determinante é o trabalho; o que torna o homem, uma forma de vida *suigeneris* é a capacidade de produzir.” Isso se dando no ser humano, numa tentativa de busca da dignidade e da sua essência no propósito existencial, mesmo que esta busca ocorra de forma limitada. Sendo que, para realizar tais ações que permitirá esta transformação do espaço, o homem passa por um processo pré-reflexivo, que muitas vezes para por aí, ao verem suas necessidades e desejos realizados materialmente, não entrando em um processo conflituoso e dramático que o levará a uma ação consciente, como afirma Huisman (2001, p. 130)

Certo, a consciência não vai simplesmente começar com a reflexão. Mas a passagem do “pré-reflexivo” à reflexão permite à consciência “intencionalizar-se”, num movimento que Sartre “emocionaliza” confiando-lhe uma dimensão “dramática”[...] Sartre atribui portanto à consciência um papel e uma importância consideráveis para o homem e seu funcionamento vital.

Essa forma de agir conscientemente, se dará quando o homem for influenciado no “para si”, momento que será designado, concomitantemente a consciência de si, a consciência pura e a consciência de alguma coisa. Que segundo palavras de Sartre (2009, p. 123)

Com efeito, uma consciência (de) crença [...] deveria tomar consciência (de) si como consciência (de) crença. A crença se converteria em pura qualificação transcendente e noemática da consciência: a consciência teria liberdade de determinar-se como quisesse com relação a essa crença: teria semelhança com esse olhar impassível que [...] a consciência lança sobre os fenômenos psíquicos para iluminá-los um a um.

Dessa forma, percebemos a importância da essência do ser humano, quando este consegue passar do estado pré-reflexivo, para a reflexão. Momento em que ele conseguirá discernir os diferentes fenômenos que ocorrem a sua volta e entrará em uma verdadeira esfera de racionalidade.

Pois será a partir deste estado racional, que teve como ponto de partida a pré-reflexão e a reflexão propriamente dita, que no processo existencialista irá estabelecer a essência do ser humano, que irá refletir, principalmente, no que ele construiu, contribuindo para modificar o seu espaço. Mesmo que este seja uma negação em si mesmo, porque como já foi afirmado o espaço geográfico, no atual sistema sócio econômico é contraditório e segregador, confirmado por Silva (2003, p. 19) ao afirmar que “[...]a espacialidade é uma negação em si[...]. E que “[...]o espaço tornou-se portanto concreto por ter retido em si o negativo”. Isso devido as ações que o homem no decorrer de sua história, vem exercendo sobre a superfície terrestre. Com isso o espaço foi perdendo a sua natureza primária, para se chegar a uma síntese, do que foi denominado de segunda natureza. Lembrando que essas mudanças que são conseqüências da dinâmica que o homem exerce sobre o espaço geográfico, são compatíveis com o seu tempo e que refletem uma tentativa de descoberta da essência do ser humano.

O ser humano dentro do contexto do existencialismo e da alienação

Alguns pensadores afirmam, que a existência do sujeito humano precede a sua essência. Mas se for feita uma análise desta questão, dentro da totalidade do processo econômico do sistema capitalista e levando em consideração que este sistema rege praticamente toda a humanidade, pode-se imaginar que o capitalismo de forma degradante determina que a essência do homem precede a sua existência, desde que o ser humano aceite o projeto de futuro (conceito sartriano) baseado no capital, pois segundo Viana (2009), citando Sartre,

De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés do musgo, podridão ou couve-flor, nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser.

Como exposto acima percebe-se que o ser humano pode ter sua essência e a sua existência diminuídas pela alienação causada pelo capital. Segundo Agnes Heller, citada por Santos (2007, p. 51) a qual “define a alienação como uma cisão entre a essência do homem e a sua existência [...] resultado do desenvolvimento das potencialidades do homem em detrimento de sua essência.”

Quando o ser humano aceita existir somente para ser mão-de-obra, o sistema capitalista irá fazer com que ele leve uma vida cada vez mais mecânica, aviltando a sua existência. Fazendo-o viver sem uma evolução artística, filosófica, científica e cultural e quando se percebe algum desenvolvimento, ele virá mais para atender os objetivos do grande capital, ou seja, o lucro, em detrimento da essência humana. Dessa forma, quando tentam uma reconstrução de si mesmos, tal reconstrução se concretiza de acordo com as necessidades externas do ser humano. Isso é confirmado por Berman (2007, p. 24), quando este autor afirma que

Existe um tipo de experiência vital²– experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao meso tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

Com isso o homem se aliena da natureza, que compõe todo o seu corpo e sendo alienado dos objetivos que o rodeia se aliena também do espaço geográfico, uma vez que ocorrem mudanças neste espaço sem que a maioria das pessoas percebam as transformações sociais que ocorrem no mesmo. Analisando a evolução do capitalismo e o conseqüente desenvolvimento tecnológico e da globalização, percebemos a fragmentação do espaço geográfico. O que não deixa de ser um antagonismo do mundo hodierno, que facilita os fluxos e a comunicação ao mesmo tempo em que diminui a união entre as pessoas. Este fracionamento, conseqüência da complexidade econômica da globalização, é um dos fatores que aliena cada vez mais os indivíduos da sociedade pós-moderna. Segundo Santos (2009, p. 34).

O próprio espaço nos aparece como um todo fragmentado. Como as práxis de cada um são fragmentárias, o espaço dos indivíduos aparecem como fragmentos de realidade e não permite reconstituir o funcionamento unitário do espaço.

Nos dias atuais pode-se dizer, que a maioria das pessoas são impedidas de viver e usufruir do espaço em sua totalidade. Sendo concedido a elas, somente o uso fragmentado da realidade do espaço geográfico. Dessa forma, devido à complexidade da sociedade capitalista e tecnológica, o homem se aliena cada vez mais de sua realidade. Uma vez que, se restringe ao uso de pequenas frações do território, o que causará um dano ao seu propósito de existência, pois o espaço geográfico é imanente ao ser humano, ou seja, é impossível o homem ter uma existência completa sem o uso democrático do espaço.

2

Grifo do autor.

Então, lembra-se do exemplo de Thoreau³, que relatou em sua obra (*A Desobediência Civil*), observações feitas sobre a paisagem que o cercava quando este tentava se descobrir no contexto da sociedade de sua época. Os mesmos problemas que perturbavam Thoreau e o levou a um conflito existencial no século XIX, são os mesmos que atormentam aqueles que tentam na atualidade, segundo suas capacidades, por meio de suas experiências, através do conhecimento e do exercício da razão chegarem a totalidade de seus propósitos e da sua essência. Busca esta que se dá dentro de uma sociedade desigual, que em pleno século XXI globaliza a pobreza junto com a globalização econômica, onde poucas pessoas lucram e parecem ditar o destino de grande parte da humanidade, impedindo-os de se descobrirem dentro do propósito de suas existências.

A consciência dos homens, deve ser a consciência de alguma coisa Huisman (2001, p. 130) e que esta alguma coisa seja o planeta em sua totalidade, que abarca todo o meio natural e que de formacuidadosa possa provocar uma ação racional dos seus atos. Com isso, sendo influenciados mais pelo “para si” e menos pelo “em si”.

Fazendo-se novamente uma reflexão, dentro do contexto do atual sistema econômico e social que rege o espaço geográfico, colocando no centro dessa análise o meio ambiente físico, iremos constatar que os elementos que o compõe são um meio em que o capitalista coloca o trabalho em movimento com o objetivo de gerar lucros para si. E isto dependendo da forma de como este ganho é obtido, o que muitas vezes não levam em consideração os sentimentos e as vontades daqueles que de alguma forma estão em uma posição inferior dentro do meio social. A esse respeito pode ser citado como exemplo, a construção de uma represa que irá submergir um determinado lugar, o qual as pessoas que o habita possuem uma relação sentimental com o mesmo. Este processo irá destruir e privar essas pessoas do que existe de concreto em determinado local. Já o abstrato elas levaram na lembrança para onde forem e tentaram em outro espaço reproduzir, concretamente, aquilo que trazem em suas memórias. Porque concordando com Silva (2003, p. 59), “é somente graças a riqueza objetivamente desenvolvida da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva é em parte cultivada e em parte criada”.

³ Henry David Thoreau, escritor norte-americano autor do livro *A Desobediência Civil*.

Então, pode-se novamente retornar ao exemplo de Thoreau, que fez um retrato muito feliz da sensibilidade humana e da esperança de uma relação harmoniosa, que talvez um dia a humanidade possa ter com a natureza e com o seu espaço de vivência, sem a preocupação com o capital e de uma existência baseada somente no lucro financeiro e no status social em detrimento da essência humana. Mas para isso, parafraseando Thoreau (2003, p. 108) “precisamos muito mais, todavia do que as profissões consagradas se quisermos chegar a mestres na arte da vida e não permanecermos eternamente como aprendizes”.

Considerações finais

Vivemos em um mundo, onde a preocupação com a essência humana parece não ter nenhum valor. Porém, o ser humano vive em um espaço que está em constante transformação para atender aos anseios de sua existência, mesmo esta sendo aviltada pelo atual sistema sócio-econômico (capitalismo), o que reduziu a essência humana somente à realizações materiais. À medida que avança a tecnologia na sociedade pós-moderna, aumenta também a complexidade da alienação do ser humano dentro do sistema capitalista e consequentemente dentro do espaço geográfico.

O lado racional, espiritual e grande do ser humano, dentro do contexto do espaço geográfico, que é reflexo do capitalismo, parece ficar em segundo plano, e quando alguém vai na contramão desta totalidade irá se defrontar com uma realidade dolorosa, como a que ocorreu com Hanry David Thoreau. Porém, tal conflito pode levar o ser humano a grandeza e a descoberta do seu propósito de existência, fazendo-o chegar a uma verdadeira vida de sentido.

Dos primórdios da história da humanidade até os dias atuais da sociedade tecnológica, o ser humano tenta descobrir a sua essência. Mas devido à dinâmica dos sistemas parecem sempre se desviarem do propósito inicial. Observa-se na sociedade pós-moderna uma acelerada evolução tecnológica, com o homem aumentando o seu domínio sobre os recursos que a natureza o oferece. No entanto, cada vez mais ele se torna dependente do sistema econômico em vigor, fazendo com que fatores aviltantes a sua essência, dominem o seu foco existencial.

A sociedade de hoje, também chamada de pós-moderna, não deveria ter esquecido a reflexão e a racionalidade humana. Pois o homem sendo um ser dialeticamente psicológico e fenomenológico, carregado de sentimentos e vontades, deveria sempre ser colocado em primeiro plano dentro do contexto social, valorizando o universo que cada pessoa traz dentro de si mesma. Assim, dando-a liberdade de realizar as suas construções concretas e transformação do espaço, respeitando a natureza de si mesmos e também a natureza externa, elementos necessários a uma completa existência e essência humana. Pois a existência é condição primordial para evocar a sua contraparte, ou seja, a essência. Dessa forma, dentro da totalidade do espaço geográfico, seria construída de fato uma realidade concreta, que deveria se sobrepôr ao sistema, que segundo Kierkegaard citado por Penha (2004, p. 19) é de característica abstrata. Porém, em contrapartida, o homem é categoria central da existência, uma vez que ele é o principal responsável pelas transformações que ocorrem na superfície terrestre.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia. **Elisée Reclus: A natureza da Geografia**. 1 ed. São Paulo: Ática, 1985. p. 38-60.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUISMAN, Denis. **História do Existencialismo**. 1 ed. Bauru. Edusc, 2001.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PENHA, João. **O que é Existencialismo**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **O espaço do cidadão**. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. São Paulo, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Lenyra Rique. **Do senso-comum à Geografia científica**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

THOREAU, Henry David. **A Desobediência Civil e Outros Escritos**. 1 ed. São Paulo: Martin Claret, 2003.

VIANA, Nildo. **Sartre e o marxismo**. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabalhos914/sartre-marxismo/sartre-marxismo2.html>>. Acesso em: 02 de mai. 2009.

WAGNER, Philip L. **El uso humano de la Tierra**. 2 ed. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local, 1974.

Recebido para publicação em junho de 2011

Aceito para publicação em agosto de 2011

